

## EDITORIAL

### RALPH M. WATERS, O PRIMEIRO PROFESSOR DE ANESTESIOLOGIA

1415

Nos dias 10 e 11 de setembro do corrente ano o Departamento de Anestesiologia da Universidade de Wisconsin, em Madison, nos Estados Unidos, realizou uma reunião científica comemorativa do Jubileu de Ouro da nomeação em 1927, do Professor Ralph M. Waters como primeiro professor de anestesiologia da Universidade de Wisconsin e do mundo.

AP 1841

Waters criou o Departamento e orientou nas duas décadas seguintes, a formação de inúmeros especialistas. A lista de seus discípulos, os "Aqualumni", inclui os mais destacados professores de anestesiologia nos Estados Unidos. Sua influência porém não se restringiu aos Estados Unidos. Os quatro primeiros anestesiólogos da Suécia entre os de outros países foram seus residentes. Diversos brasileiros também sofreram sua influência quer como visitantes quer como residentes em seu departamento.

A anestesiologia deve ao Professor Waters, além de uma firme conceituação clínico-fisiológica da especialidade, a ênfase dada à formação de médicos especialistas. Considerava, ao contrário da opinião corrente no momento, que as responsabilidades inerentes à anestesiologia tornavam-na província estritamente médica. Defendia o conceito departamental fundindo clínica, ensino e pesquisa que permanece até hoje o fulcro do que se almeja em termos de anestesiologia universitária. Data de seu professorado a implantação definitiva da anestesiologia moderna que possibilitou todos os progressos da cirurgia de nossos dias. Era um líder incontestado, tendo sido chamado, inclusive, de John Snow redivivo, pois com a diferença de cerca de oitenta anos cada um representou um marco na evolução da anestesiologia.

Era chamado por todos os membros do departamento, com naturalidade e boa dose de afeição e respeito de "Chief". E isto ele o era, exercendo liderança simples e humilde, traço dos homens verdadeiramente grandes. Quem o visse lavando máscaras e laringoscópios entre um e outro caso ou tranquilamente ensinando estudantes a manterem as vias aéreas permeáveis, não poderia imaginar o alcance daquele professor. Quem o ouvisse moderar as reuniões científicas e discussões de casos clínicos ouviria ensinamentos eivados de bom senso e de imenso respeito pela dignidade dos pacientes.

Nas décadas de 30 e 40, Madison era considerada a Meca da anestesiologia. Para lá se dirigiam todos que almejavam aprofundar seus conhecimentos e de lá nunca voltavam desapontados.

Waters introduziu a absorção do dióxido de carbono na clínica, seu nome está indissoluvelmente ligado ao cicloproprano, agente do

qual extraiu todas as possibilidades. Todos sabem disto, mas poucos sabem que foi ele quem pela primeira vez empregou o tiopental em pacientes. Todavia, em que pesem estas e inúmeras outras contribuições de ordem clínica e fisiológica, o maior impacto de Waters na anestesiologia foi tê-la conceituado corretamente dentro da medicina.

Para nós brasileiros é grato saber que o Professor Waters compareceu ao III Congresso da Federação Mundial das Sociedades de Anestesiologistas, realizado em São Paulo em 1964, quando proferiu a conferência inaugural.

Um detalhe que talvez muito poucos conheçam é que em seu trabalho original sobre filtração do dióxido de carbono<sup>(1)</sup>, entre as três únicas referências, consta um trabalho dos irmãos Álvaro e Miguel Osório de Almeida<sup>(2)</sup>, do Rio de Janeiro. Os Osório de Almeida, na fisiologia, e Waters, na clínica, foram os únicos que se levantaram contra os conceitos universalmente aceitos de Y. Henderson que propugnava a teoria acápnic do choque. O princípio de reinalação fraccional de McKesson, fundamentado nos trabalhos de Henderson, não era fisiológico. O sistema de absorção lhe era frontalmente contrário. Segundo Waters, a reinalação do dióxido de carbono deveria ser evitada, pois este gás deveria ser considerado tóxico e não terapêutico. O choque não era devido à perda do dióxido de carbono por hiperventilação mas, provavelmente, pela perda de calor e de vapor de água durante a hiperventilação dos cães em Boston. Os cães hiperventilados no Rio de Janeiro, com ar quente e úmido, não entravam em choque. A absorção do dióxido de carbono durante anestesia foi, portanto, fundamentada no trabalho dos dois fisiologistas brasileiros.

O ciclopropano não é mais usado. A absorção do dióxido de carbono continua sendo o esteio dos sistemas de anestesia, ainda mais atualmente com a ênfase dada à poluição ambiental com gases e vapores anestésicos. Um de seus aforismas, acredito, ficará imorredouro "Um bom cirurgião merece um bom anestesista, um mau cirurgião precisa de um bom anestesista".

Waters reside na Florida, aposentado há muitos anos, recebendo periodicamente a visita de seus ex-residentes, todos sem exceção seus profundos admiradores e cômicos da rara oportunidade que tiveram de trabalhar e aprender no convívio diário de um espírito de escol.

DR. CARLOS PARSLOE

#### REFERÊNCIAS

1. Waters R M — Clinical Scope and Utility of CO<sub>2</sub> Filtration in Inhalation Anesthesia. Current Researches in Anesthesia and Analgesia, 3:20, 1924.
- 2) Osório de Almeida, A. and M. — The Nature of Surgical Shock and Henderson's Theory of Acapnia. JAMA, 25 de novembro de 1918, página 1710.